

Arlindo Uchôa



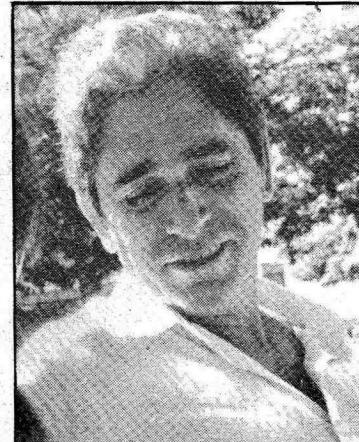
Marilena Oliveira



Francisco do Vale



Maria Macedo



Antônio da Silva

DF não aceita servir de curral eleitoral

Teremos a quem reclamar? Então, sou a favor.

Esta é, em síntese, a posição da população do Distrito Federal, diante da perspectiva de eleger oito deputados. Cansados de ver suas reivindicações sem respostas e descrentes da força das associações classistas, os moradores da capital deixam de lado as filigranas políticas, por um único apelo: **queremos votar!**

Numa primeira análise, tudo leva a crer que o DF está longe de vir a ser um curral eleitoral difícil. Ao contrário, os futuros eleitores prometem ser críticos o suficiente para não se deixarem co-mover por promessas apressadas de candidatos de primeira hora. Ou, como se expressou Marilena de Oliveira, secretária, 32 anos, "quem já esperou tanto, tem obrigação de escolher bem".

Há 7 anos em Brasília, morador do Setor Leste do Gama, esta goiana de Uruana parte do princípio que "quem vê cara não vê coração". Em seu Estado, votou - "e não me decepcionei" - em Iris Rezende. Aqui, ela desconhece quem são os prováveis candidatos ou o nível de representação política atribuído à cidade. Mas, afirma, "quando estiver tudo acertado, ficarei bem informada".

Aos 44 anos de idade, o funcionário público Eloy Antônio da Silva, junta à defesa de representação política para o DF o agravante de nunca ter votado. Quando teve chance, estava no Exército, explicou. Residente na quadra 207, bloco A apartamento 204, do Cruzeiro, ele se vale de uma causa própria - a dos preços cobrados pela linha Cruzeiro/Rodoviária

- para mostrar a conveniência de ter a quem reivindicar. "O circular Asas Norte e Sul custa Cr\$ 290,00, enquanto por um trajeto 10 quilômetros menor, somos obrigados a pagar Cr\$ 480,00". Este problema foi encampado pela Associação de Moradores do Cruzeiro sem sucesso. "Já que nem audiência com o Governador conseguiu..."

Dispondo de votos e tendo em quem votar, ele acredita que a situação seria diferente, "já que os candidatos brigariam a nosso favor". Seu voto, independente de partido, vai para o presidente da OAB, Maurício Corrêa, a quem admira "a presteza como defensor dos mutuários, os atingidos pelas medidas de emergência e demais necessidades".

"Totalmente a favor" é como a estudante Márcia Macedo, 18

anos, se posiciona pelo voto no DF. Brasiliense, residente no Sobradinho, ela desconhece detalhes da tramitação da emenda Flávio Guedes e do substitutivo do senador Aderbal Jurema. Sua opinião - assegurou - independe de questões políticas, "pois o que vale é dar ao povo o direito de se expressar".

"Se todos os Estados votam, por que só o DF vai ser diferente?" — a indagação sustenta a defesa de Arlindo José Uchôa, comerciário, 26 anos, sobre a representação política para a cidade. Há 15 anos na capital, morador na QNE 30 casa 45, em Taguatinga, Arlindo acha que "não podemos continuar reclamando ao bispo". Com esta metáfora, defende a conveniência de canais das reivindicações do povo, em busca de soluções para proble-

mas de todos os tipos, de saúde à falta de lazer. Se tivesse que votar hoje, seu candidato seria o presidente da Associação Comercial, Lindberg Aziz Cury, que lhe parece "confiável". Mas, "sendo pra valer", garante que procura conhecer as "opiniões" e os "planos" de cada um dos candidatos.

O mensageiro Francisco do Vale, 31 anos, residente na QNM 20 conjunto F casa 36, vê uma vantagem imediata na representação política: não ter que mandar buscar sua folha de votação em Teresina, como fez nos últimos dez anos, desde que se mudou para o DF. Nem a derrota de seu candidato a governador, Alberto Silva, nas últimas eleições, o desanima. "Afinal", argumenta, "a gente precisa ter a quem reclamar, que o mar não está pra peixe".